

MEDEIROS, MAURÍCIO DE

*jornalista; dep. fed. RJ 1921-1922 e 1927-1930; min. Saúde 1955-1958.

Maurício Campos de Medeiros nasceu no Rio de Janeiro, então capital do Império, em 14 de julho de 1885, filho do quarto casamento de Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros, conselheiro do Império. Sua mãe, Maria Carolina Ribeiro de Medeiros, era viúva do caricaturista Henrique Fleuiss.

Órfão de pai aos sete anos, Maurício foi viver sob a tutela do irmão José Joaquim Medeiros e Albuquerque, escritor, jornalista e político (deputado federal por Pernambuco de 1894 a 1896, de 1901 a 1902 e de 1904 a 1911), que exerceu grande influência sobre suas idéias e atividades posteriores. Completou os estudos básicos no Ginásio Nacional, hoje Colégio Pedro II, e em 1901 matriculou-se na Faculdade de Medicina. Diplomou-se em farmácia em 1903 e foi escolhido delegado brasileiro ao I Congresso Internacional de Estudantes, reunido na cidade italiana de Milão em 1906. No ano seguinte, concluiu o curso de medicina.

Depois de formado, substituiu o irmão Medeiros e Albuquerque em uma seção diária da *Gazeta de Notícias*, iniciando longa militância na imprensa, continuada nos anos seguintes com colaborações no *Correio Paulistano* e *A Notícia*. Fez também várias viagens à Europa, frequentando cursos de especialização em histopatologia e fisiologia em Paris, Munique e Viena, e participando, em 1909, dos congressos internacionais de psicologia e de medicina realizados respectivamente em Genebra e Budapeste. A atuação permanente na medicina e no jornalismo marcaria toda a sua vida profissional. De volta ao Brasil, substituiu João do Rio como autor de uma crônica diária no jornal *A Noite*, intitulada “O momento”, e foi aprovado, em 1912, no concurso para livre-docência da cadeira de fisiologia na faculdade em que estudara. Dois anos depois, também através de concursos, tornou-se livre-docente das cadeiras de patologia geral na Faculdade de Medicina e de psicologia na Escola Normal do Distrito Federal, depois Instituto de Educação.

Pouco depois do início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, tornou-se fundador e secretário-geral da Liga Pró-Aliados, que atuou até o fim do conflito. Em 1915 foi nomeado diretor-geral de Higiene do estado do Rio de Janeiro e no ano seguinte foi eleito deputado estadual na legenda do Partido Republicano, prosseguindo no *Correio da Manhã*

e em *A Época* sua pregação contrária à neutralidade adotada pelo Brasil diante da guerra. Era amigo e admirador de Nilo Peçanha, que foi nomeado ministro das Relações Exteriores em maio de 1917, pouco depois do afundamento de um navio mercante brasileiro pelos alemães. Esse fato desencadeou fortes pressões favoráveis à declaração de guerra contra a Alemanha, afinal assinada pelo presidente Venceslau Brás (1914-1918) em outubro seguinte. Sem perder seu mandato parlamentar, Maurício de Medeiros integrou a Missão Médica Militar que o Brasil enviou à França, sendo comissionado no posto de tenente-coronel-médico e lotado na chefia do serviço de neuropsiquiatria do Hospital Brasileiro de Paris, que funcionou nos últimos meses do conflito.

Considerando o parlamento “o único poder legitimamente representativo da opinião em uma democracia”, Maurício de Medeiros via no presidencialismo a raiz de todos os males da história republicana do Brasil, por conduzir frequentemente a “regimes autoritários e ditatoriais”. Defendia a forma federativa de governo e a autonomia estadual, “em nada contrários ao parlamentarismo”. Deixando a Câmara estadual fluminense em 1920, foi eleito no ano seguinte deputado federal pelo estado do Rio. Assumiu o mandato na Câmara dos Deputados em maio de 1921, mas em janeiro de 1922 afastou-se a fim de prestar concurso para professor da seção de patologia geral da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Aprovado, foi nomeado em setembro seguinte.

Em janeiro de 1923 foi secretário-geral do efêmero governo fluminense de Raul Fernandes (de 31 de dezembro de 1922 a 11 de janeiro de 1923), que foi substituído pelo interventor federal Aurelino Leal, nomeado pelo presidente Artur Bernardes (1922-1926). Em 1924 tornou-se redator-chefe do *Diário de Medicina*. Em 1927, durante o governo do presidente Washington Luís (1926-1930), foi novamente eleito deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro. Na legislatura 1927-1929, integrou as comissões de Legislação Social e de Instrução da Câmara, foi delegado à Conferência Interparlamentar de Comércio, reunida em Versalhes, na França, em 1928, e votou a favor da concessão de anistia aos envolvidos nos levantes tenentistas de 1922 e 1924, que, segundo ele, haviam expressado um “sentimento de revolta contra o governo unipessoal” exercido por Eptácio Pessoa (1919-1922) e, depois, Artur Bernardes. A proposta recebeu apenas 18 votos favoráveis na Câmara, insuficientes para sua aprovação.

Reeleito deputado federal pelo estado do Rio em março de 1930, teve o mandato

interrompido pela revolução que em outubro depôs Washington Luís e levou à formação do governo provisório chefiado por Getúlio Vargas. Ainda em 1930 passou um mês na União Soviética, e no ano seguinte lançou um livro considerado simpático ao regime vigente nesse país. Foi então acusado pela imprensa governista de pertencer à Internacional Comunista, o que provocou a apreensão do livro por ordem de João Batista Luzardo, chefe de polícia do Distrito Federal.

No primeiro semestre de 1932, publicou outra obra, intitulada *Outras revoluções virão*, criticando “a falta de orientação doutrinária e de qualquer política sistematizada” por parte do governo provisório, o qual, segundo ele, incorria nos mesmos vícios do presidencialismo vigente na Primeira República, sufocando o Poder Legislativo. Como colaborador do *Diário Carioca* e do jornal paulista *A Gazeta*, frequentemente criticou os rumos tomados pela Revolução de 1930, publicando artigos contra, entre outras coisas, “o projeto ultrarreacionário de repressão ao comunismo”, o “espantoso decreto introduzindo o ensino religioso nas escolas” e as “tendências fascistas da Legião Liberal Mineira” liderada por Francisco Campos. Criticou também o Clube 3 de Outubro, “partidário da extrema violência”.

Apesar de afastado de atividades políticas desde 1930 e mundialmente conhecido por suas contribuições à psiquiatria, Maurício de Medeiros foi atingido pelas medidas repressivas adotadas pelo governo de Vargas depois da fracassada Revolta Comunista de novembro de 1935. Em abril do ano seguinte, foi demitido junto com vários colegas do cargo de catedrático de clínica propedêutica médica, que ocupava desde 1934. Só seria reintegrado nessas funções em maio de 1945, por sentença do Poder Judiciário. Voltou à faculdade na cátedra de clínica psiquiátrica em abril de 1946, durante a redemocratização do país que se seguiu à derrubada do Estado Novo, e em setembro desse ano foi nomeado diretor do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Representou o Brasil no Congresso Mundial de Psiquiatria, realizado em Paris em 1950, e nos dois primeiros congressos internacionais de neuropatologia, realizados respectivamente em Roma (1952) e Londres (1955). Aposentou-se por limite de idade em 1955, e em agosto desse ano tomou posse na cadeira nº 38 da Academia Brasileira de Letras.

Em 19 de novembro de 1955 foi nomeado ministro da Saúde pelo presidente Nereu Ramos,

que atendeu à indicação de Ademar de Barros, líder do Partido Social Progressista (PSP), ao qual era filiado. Foi mantido no cargo pelo presidente Juscelino Kubitschek, que tomou posse em 31 de janeiro de 1956, e em março de 1958 foi designado para integrar uma comissão, presidida pelo ministro da Viação Lúcio Meira, encarregada de coordenar o auxílio à região Nordeste, que sofria os efeitos de uma seca de grandes proporções. Deixou a pasta da Saúde em 3 de julho de 1958, sendo substituído por Mário Pinotti. Em 1962 começou a colaborar no jornal carioca *O Globo*, onde assinou uma coluna esporádica sobre assuntos políticos até morrer, em 23 de julho de 1966.

Teve três filhos de seu primeiro casamento, com Ana de Medeiros, e uma filha em segundas núpcias, com Denise de Medeiros.

Membro de inúmeras associações médicas e culturais, nacionais e internacionais, deixou publicadas diversas obras, notadamente sobre temas médicos, entre as quais: *Métodos em psicologia* (tese, 1907), *Fisiologia da secreção intestinal* (1913), *Partenogênese em patologia* (1913), *A reforma constitucional fluminense de 1920* (1922), *Coloidoclasia* (1923), *Peço a palavra!* (discursos, 1923), *O soro sanguíneo em patologia* (1925), *Ciência impura* (ensaios, 1928), *Supranormais* (1930), *Rússia: impressões de viagem* (1931), *Outras revoluções virão* (1932), *Psicoterapia* (1933), *Segredo conjugal* (novela, 1933), *Idéias, homens e fatos* (1934), *Pensamentos de Medeiros e Albuquerque* (1935), *Folhas secas* (1941), *Aspectos da psicologia infantil* (1941), *Temas falados* (1945), *Joaquim Nabuco* (ensaio, 1949), *No mundo do ensino* (1954), *O casamento* (1956), *O inconsciente diabólico* (1959) e *Homens notáveis* (1964).

Vera Calicchio

FONTES: ACAD. BRAS. LETRAS. *Anuário* (1960, 1961, 1962); ARQ. GETÚLIO VARGAS; BRINCHES, V. *Dicionário*; CORTÉS, C. *Homens*; COUTINHO, A. *Brasil; Encic. Mirador; Globo* (24/6/1966); *Grande encic. Delta; Jornal do Brasil* (24/6/1966); *Jornal do Comércio*, Rio (22/11/1955); KUBITSCHKE, J. *Meu* (3); MEDEIROS, M. *Homens*; MEDEIROS, M. *Outras*; MEDEIROS, M. *Peço*; MEDEIROS, M. *Rússia*; MIN. GUERRA. *Almanaque*; PEIXOTO, A. *Getúlio*; QUADROS, J. ; ARINOS, A. *História*; RIBEIRO FILHO, J. *Dicionário*.